

Unidades de conservação são parte da solução

Categories : [Colunistas Convidados](#)

Sobrevoando a Serra do Espinhaço, em Minas Gerais... lá embaixo, o que se vê através das nuvens é um Brasil recortado. A colcha de retalhos vista do alto representa parte dos 80% do Cerrado que já foi alterado, principalmente a partir da década de 1960, com a expansão da fronteira agrícola sobre esse bioma. Os 20% restantes, ainda existem graças ao relevo acidentado em algumas partes e a presença de unidades de conservação, que hoje respondem a pouco menos de 10% do bioma.

Se na história do Brasil levamos quase 500 anos para destruir mais de 90% da Mata Atlântica, num primeiro momento a constatação de que no Cerrado levamos pouco mais de 50 anos para destruir a maior parte dos 80% já dizimados parece espantosa. Não de fato quando olhamos os avanços tecnológicos do último século. Se prestarmos atenção, o que vemos na Amazônia hoje é um espelho. O mesmo acontece nos outros biomas: Caatinga, Pampa, a Floresta com Araucária do sul e mesmo o santuário da vida selvagem do Pantanal. Onde hoje a tecnologia permite o uso, a natureza recua.

Não obstante, muito do que ainda resta do Brasil natural está nas [unidades de conservação](#). A constatação pura e simples da nossa história já deveria ser motivo suficiente para que essas áreas fossem reverenciadas. Mais forte ainda é a constatação de que a manutenção dessas áreas, mais do que a conservação intrínseca da biodiversidade, é a garantia da nossa sobrevivência: [serviços ambientais](#), garantia de chuvas, fertilidade do solo, qualidade da água... nada disso seria possível sem os ambientes naturais. E eles só existem hoje – em sua maioria – graças a existência das UCs.

Apesar disso, e abaixo das nuvens, o que acontece é o contrário: UCs ainda são um bicho-papão. Incompreendidas até no nome, estão longe de cair no gosto popular. E não se conserva aquilo que não se conhece... o eterno ciclo vicioso.

Tidas como um passivo, nossas UCs hoje não dão lucros financeiros para a nação. Ao contrário, sequer se sustentam. Diferente de países como os Estados Unidos, onde as áreas protegidas geram 1,8 bilhões de dólares por ano, aqui sequer atingimos a marca dos R\$100 milhões de reais, em cerca de 75 milhões de hectares de áreas protegidas.

Bom, lá o governo investe aproximadamente 156 dólares por hectare, enquanto aqui não chegamos sequer à 3 reais/hectare por ano. Com isso, o potencial de geração de R\$168 bilhões (de acordo com estudo lançado recentemente pelo [Instituto Semeia](#)) está a anos luz de ser alcançado. Dinheiro escorrendo pelo ralo... culpa de quem?

Como reflexo dessa política de governo (ou falta dela) que insiste em não incluir as UCs no Plano de Desenvolvimento Econômico, ao contrário, considera essa e qualquer outra estratégia de conservação um entrave ao desenvolvimento, quando muito uma medida paulatina... um hobby, uma benevolência quase filantrópica, nosso patrimônio natural, longe de se apresentar como o belo cisne que é, ainda é tido como um patinho feio.